



## OS GIGANTES DO CARRO DE JÚPITER: A CELEBRAÇÃO DAS BODAS DE D. JOÃO E CARLOTA JOAQUINA EM 1786.

Italiano, Isabel Cristina; Profa. Dra. Livre Docente; Universidade de São Paulo, [isabel.italiano@usp.br](mailto:isabel.italiano@usp.br)<sup>1</sup>

Viana, Fausto Roberto Poço Viana; Prof. Dr. Livre Docente; Universidade de São Paulo, [faustoviana@usp.br](mailto:faustoviana@usp.br)<sup>2</sup>

**Resumo:** Em 1786, na cidade do Rio de Janeiro, houve uma grande festa para celebrar o casamento de Dom João e Dona Carlota Joaquina. Neste artigo, investiga-se a construção dos trajes dos gigantes que vinham no segundo carro (dentre os seis que desfilaram), chamado Monte de Júpiter, observando-se desenhos e anotações de Antonio Francisco Soares, de 1786. As principais referências são Nora Waugh (1968) e Viana e Italiano (2018).

**Palavras chave:** Modelagem; século XVIII; festas coloniais.

**Abstract:** In 1786, in the city of Rio de Janeiro, there was a great party to celebrate the marriage of Dom João and Dona Carlota Joaquina. In this article, we investigate the construction of the costumes of the giants who came in the second car (amongst the other five), called Mount of Jupiter, based on the drawings and notes of Antonio Francisco Soares from 1786. The main references are Nora Waugh (1968) and Viana e Italiano (2018).

**Keywords:** Pattern making; 18th century; colonial parties.

### Introdução

O casamento do infante D. João com Dona Carlota Joaquina de Espanha aconteceu no ano de 1785, na cidade de Lisboa, Portugal. Como era de se esperar, a união foi celebrada em várias cidades portuguesas e em Madri, na Espanha. Foi surpreendente

---

<sup>1</sup> Isabel Italiano é professora da Universidade de São Paulo, pesquisadora nas áreas de modelagem e alfaiataria histórica e contemporânea, têxteis eletrônicos e computadores vestíveis. Co-autora dos livros Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX e Para meninos, meninas e suas bonecas: moldes e moda para crianças no Brasil do século XIX.

<sup>2</sup> Fausto Viana é pesquisador de trajes de cena e professor de cenografia e indumentária na Escola de Comunicações e Artes da USP. É doutor em artes e em museologia e fez pós-doutorado em conservação de trajes e em moda. É autor do livro O figurino teatral e as renovações cênicas do século XX e O traje de cena como documento, entre outros.



que a partir de 2 de fevereiro de 1786, já no ano seguinte e por quase uma semana, houve uma grande comemoração na cidade do Rio de Janeiro, quando aconteceu um desfile de seis carros alegóricos, além de queima de fogos, festas e comemorações. O artigo deseja investigar a construção dos trajes utilizados no evento, especialmente os trajes dos gigantes do segundo carro, “Monte de Júpiter”, conforme descrito em detalhes por Antonio Francisco Soares, responsável pelos registros e pelos desenhos do material encontrados no livreto *Relação dos magníficos carros que se fizeram de arquitetura, perspectiva e fogos, os quais se executaram nas festividades dos desponsórios dos Sereníssimos Infantes de Portugal na cidade do Rio de Janeiro em 2 de fevereiro de 1786*, obra pertencente a coleção do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB).

Segundo o IHGB,

O desfile, que guardava elementos de um triunfo barroco do Quinhentos, era de fato, uma grande homenagem ao Vice-Rei D, Luiz de Vasconcelos (1724-1809). Nele, já surgia uma licenciosidade burlesca de fidalgos travestidos de viúvas e bacantes vestidos de cor-de-carne que pareciam, segundo a descrição, totalmente nus. Junto ao rococó, que trazia a permanência de animais e seres fabulosos da era das Grandes Navegações, estavam as expectativas do fantástico com a grandiosidade mágica do efêmero [...] (LAGO, 2014, p.63)

A principal justificativa para a elaboração desse trabalho é a importância que o resgate dos trajes de cena brasileiros - e sua consequente modelagem - têm para a história do teatro brasileiro, repleto de lacunas documentais. À possibilidade de ter em mãos um documento histórico singular e raro como este – e que o IHGB classifica como “o único documento conhecido ilustrado com descrição detalhada de uma grande festividade colonial”(idem) - juntam-se a pesquisa e o cruzamento de informações que os autores desta pesquisa têm desenvolvido em diversas instituições museais no Brasil e no exterior, justamente na busca da construção de trajes brasileiros.

Esse trabalho, até onde se sabe, é inédito e esta abordagem do documento nunca foi realizada.



## O carro Monte de Júpiter

Figura 1- O carro Monte de Júpiter.



Fonte: Soares (1786, n.p).

A comemoração durou três dias e seis carros alegóricos desfilaram. O segundo carro (ver figura 01), uma cenografia que acompanhava os trajes dos gigantes que se deseja estudar, foi descrito assim (Nota: a grafia foi atualizada):

Era este fabricado monte mais alto que o primeiro de Vulcano. Tinha de comprido 23 palmos; de largo, 12 e de alto 15, fabricado com o melhor gosto. Em cima do monte levava uma esfera terrestre, redonda de 7 palmos de alto que tudo fazia a altura de 22 palmos. Dentro dela ia oculto Júpiter montado em uma águia aos pés. Era o monte fabricado de árvores e mais flores campestres, guarnecido todo de fogo artificial de nova ideia: levava em cima da esfera um troféu por timbre com as Armas Reais e duas palmas com dois corações. Era conduzido este monte por uma águia do comprimento de 12 palmos e de alta 5 com as asas abertas em voo natural, com o pescoço levantado movendo por todos os lados. Na cabeça, com uma coroa imperial, que parecia ser feita de ouro, vomitando raios de fogo pela boca: tinha no peito as armas reais pintadas com todas as cores e circunstâncias de que se compõem as ditas Armas Reais, presa em 4 tirantes que lhe saíam do colar do pescoço para aparição do monte; e do mesmo pescoço da águia saía uma cadeia que não desmentias (?) a prata e era sustentada por dois montanheses. Dentro do monte ia também a Música com os bélicos instrumentos de sopro, que quando se movia o monte ao som dos instrumentos, movia-se a águia. (SOARES, 1786, n.p.)



O carro tinha, portanto, cerca de 5,06m de comprimento, 2,64 de largura e 3,30m de altura<sup>3</sup>. Ao seu redor, vinham os gigantes, conforme descrição:

Era guarnecido o monte de 8 gigantes de estatura de 14 palmos, vestidos estes à trágica, as roupas de diversas cores com bordaduras fingidas de diversos matizes, que pareciam fabricadas dos mais belos artifícios de bordados. Levavam na cabeça umas lauréolas que tinham de altura 3 palmos e os fazia ficar na altura de 17 palmos, com as gorras caídas para as costas até a cintura, fabricadas de diversas cores de matizes, com balonas nos pescoços, mui claras que faziam uma bela vista, acompanhados com os vestidos à trágica que se compunham: a primeira, roupa larga até os joelhos com mangas largas e compridas; a segunda roupa, mangas justas até o punho da mão, e comprida até arriba dos joelhos: calças largas e justas até o meio da perna, com borzequins calçados, que tudo fazia uma admirável figura, tanto na grandeza como no vestuário; e levavam nas mãos umas maçãs fabricadas que pareciam serem de ferro. (idem)

Nesse caso, ficou difícil entender, até o momento, como os gigantes ficaram com 3,08m de altura, e com o acréscimo da lauréola, mais 66cm, atingiram um total de 3,74m. O autor não relatou o uso de mecanismos como pernas de pau ou semelhantes, mas registrou a proporção corretamente (ver figura 1): os dois homens que puxam o carro têm estatura padrão (cerca de 1,70m) e a altura do carro era 3,30m – mas a esfera que continha Júpiter vinha em cima dele, com mais 7 palmos. A altura total, portanto, chegou a 22 palmos- 4,84m.

#### *A lauréola*

O ator cita uma lauréola de 66cms. A lauréola é um adereço de cabeça, e de acordo com Raphael Bluteau, autor dicionário português do século XVIII, “propriamente houvera de significar uma coroa de loureiro. Toma-se na igreja pelo prêmio, que além da bem-aventurança essencial se dá no céu aos mártires, às virgens, aos doutores” (BLUTEAU, 1728, p.58). Ainda sobre a definição do termo, podemos considerar Silva: “Láurea. Coroa de glória, com que são coroados os mártires de Cristo” (1789, p.208) e Pinto: “O mesmo que láurea. Fig. Coroa de glória” (1832, n.p.).

Assim, de acordo com as descrições encontradas nos dicionários, pode-se dizer que as lauréolas eram um tipo de coroa. Na figura 1, é a peça que está posicionada bem acima da

<sup>3</sup> Usou-se para esta conversão a equivalência de 1palmo =22cms, conforme ANJINHO, Isabel de Moura. Fortificação de Coimbra: das origens à modernidade. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2016.



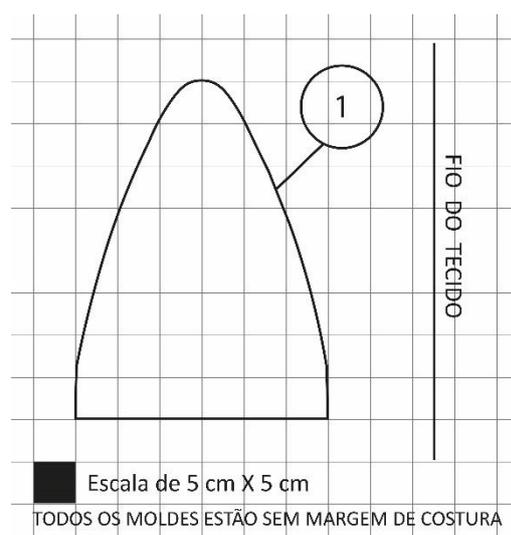
cabeça, ornada, na frente, com arabescos, talvez pintados ou bordados. A figura 2 mostra, em destaque, algumas das lauréolas que aparecem na gravura do carro e a figura 3, sua modelagem.

Figura 2 - Destaque para algumas das lauréolas da gravura do Monte de Júpiter.



Fonte: Soares (1786), n.p.

Figura 3 - Modelagem da lauréola.



Fonte: Acervo dos autores. Modelagem e diagrama: Isabel C. Italiano, 2019.

### LAURÉOLA - Modelagem tamanho M adulto:

#### PARTES:

1 – LAURÉOLA – Parte única – cortar 2 vez no tecido e 1 vez na entretela

Para a montagem da Lauréola, as duas partes em tecido devem ser costuradas juntas em todo o contorno (deixar aberta a parte de baixo). Virar para o direito e encaixar a entretela já cortada no formato. Importante destacar que esta entretela deve ser bem firme. No caso de usar entretela colante, deve-se colar em uma das partes do tecido antes de costurar no contorno. Fechar com costura a parte de baixo e prender uma faixa de cada lado para amarração atrás da cabeça.



### *O gorro*

O texto fala de “gorras caídas para as costas até a cintura, fabricadas de diversas cores de matizes” (SOARES, 1786, n.p.). Para melhor interpretação desta parte do traje, encontrou-se algumas definições em dicionários portugueses do período. Bluteau diz que

Antigamente era uma cobertura da cabeça, de figura redonda, sem abas. A gorra dos estudantes da universidade é à maneira de uma manga, metida na cabeça; e semelhantes a esta são aquelas que se dá à gente popular em ocasião de lutos reais. A gorra dos desembargadores é um chapéu pequeno, com abas estreitas, e coberto de veludo com suas pregas. (1728, p. 97).

Silva esclarece que era uma “espécie de barrete, tão usado até o tempo do rei Dom João III, como hoje o chapéu” (1789, p.94). Este tipo de gorro aparece em diversos trajes de Portugal e é, também, parte do traje dos estudantes da Universidade de Coimbra, durante vários séculos. Conforme Nunes, o vestuário dos estudantes de Coimbra nos séculos XVI e XVII caracterizava-se por:

Loba ou sotaina, decorada à frente, de alto a baixo, com uma fileira de pequenos botões, abotoada pelas costas com botões ou cordéis, a qual descia até à meia perna; uma capa com gola e alamares ou cordão de borlas; um barrete arredondado ou de cantos; calção sem entretalhos ou golpes, meias e botas ou borzeguins. Os estudantes colegiais traziam os hábitos das respectivas ordens, salvo os dos colégios seculares de S. Pedro e S. Paulo que tinham um hábito semelhante aos escolares colegiais de Salamanca [...]. Este traje usado nas faculdades também era extensivo aos lentes, ressaltando-se apenas o pormenor de a sotaina dos mestres chegar ao calcanhar, enquanto a do estudante chegava à meia perna. Através dos Estatutos de 1653, dados por D. João IV, ficamos a saber que nesta época ainda se usavam barretes redondos ou de cantos para cobrir a cabeça e não o Gorro comprido, o qual se começou a trazer mais tarde, talvez nos começos do século XVIII. Estes Estatutos conferem ao estudante liberdade para trazer debaixo da Batina coletes e camisas, só mais tarde se tornando obrigatório o costume de envergar Volta Branca e Cabeção Negro [...]. (NUNES, 1991, p. 399)

Assim, os gorros compridos começaram a ser usados, talvez, a partir do século XVIII. A figura 4 mostra uma gravura de um destes estudantes, provavelmente na segunda metade do século XVIII ou primeira metade do século XIX.

O gorro que aparece no Monte de Júpiter é uma peça sem abas, de modelagem simples, cuja abertura ajusta-se à cabeça de quem usa. Apresenta ponta bem comprida que chega até



um pouco abaixo da linha da cintura. A figura 5 mostra como são os gorros na cabeça, no desenho de Soares. A figura 6 traz a modelagem do gorro.

Figura 4 - Estudante de Coimbra.



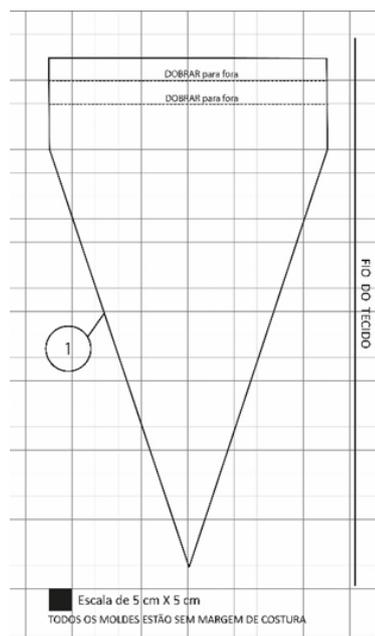
Fonte: Cabral e Marrana (1982, p.51)

Figura 5 - Destaque de dois gorros da gravura do carro.



Fonte: SOARES, 1786, n.p.

Figura 6 - Modelagem do gorro.



Fonte: Acervo dos autores. Modelagem e diagrama: Isabel C. Italiano, 2019.

### GORRO - Modelagem tamanho M adulto:

#### PARTES:

1 – GORRO – Parte única – cortar 1 vez no tecido

A montagem do gorro é simplificada, bastando cortar uma vez e fechar as laterais. Na parte que encaixa na cabeça são feitas duas dobras para fora (indicadas no molde), de modo a formar um tipo de barra. A medida deve ser ajustada conforme o contorno da cabeça do usuário.

#### *A balona*

O texto menciona, na sequência a “balona”, quando descreve que os gigantes do carro estavam “com balonas nos pescoços, mui claras que faziam uma bela vista” (SOARES, 1786, n.p.). Conforme os dicionários portugueses do período, balona era “uma volta que cai para trás sobre os ombros. Hoje é pouco usada. Foi introduzida em Espanha por uma gente de Valtelina,



chamada dos Castelhanos Balones. (sic)” (BLUTEAU, 1728, p.24). Silva explica que “era o colar da camisa pendendo sobre os ombros, e mais ainda sobre o peito, como hoje trazem as crianças. Mantéus à Balona: ornato de lençaria do pescoço liso, como as balonas, em contraposição aos mantéus de roca, que eram crespos, como o que de ordinário se pinta nos retratos do rei D. Sebastião, e outros daquele tempo (1789, p.255). E para Pinto, era o “Colarinho da camisa que voltava sobre os ombros, e peito, como hoje o das crianças” (1832, n.p.)

A balona, portanto, é um ornamento colocados em volta do pescoço, muito parecidos com rufos (ver figura 7). De acordo com Bluteau, foi introduzida na Espanha.

Figura 7 - Destaque para algumas das balonas da gravura do carro Monte de Júpiter.



Fonte: Soares (1786, n.p).

Boucher (2010, p. 218) mostra as influências espanholas no vestuário francês do século XVII, destacando que os “rufos à la confusion estão muito em voga [...]”. A figura 8 mostra alguns dos trajes usados na França, no século XVII, onde o rufo é parte da indumentária, e a figura 9 mostra um detalhe do rufo à la confusion, bem parecido com as balonas representadas na gravura do carro Monte de Júpiter.

As balonas retratadas na gravura do carro Monte de Júpiter são mais simples que o rufo da figura 9, indicando modelagem bem mais simplificada.



Figura 8 - Trajes franceses do século XVII.



Fonte: Boucher (2010, p. 218).

Figura 9 - Rufo “à la confusion” usados durante o século XVII na França, por influência espanhola no vestuário.



Fonte: Boucher (2010, p. 218).

Desta forma, a modelagem da balona é feita a partir de uma faixa de tecido retangular (encorpado), medindo 0,40 m x 2,2 m, dobrada no sentido longitudinal. A dobra funciona como acabamento da balona, que deve ser franzida até chegar na medida do contorno do pescoço. Em um homem adulto, de tamanho M, esta medida fica em torno de 42-46 cm. Após franzida, deve ser costurada a um acabamento (do tipo de um cós estreito), com uma tira em cada ponta para amarração no pescoço, no centro das costas, ou fechado por colchete.

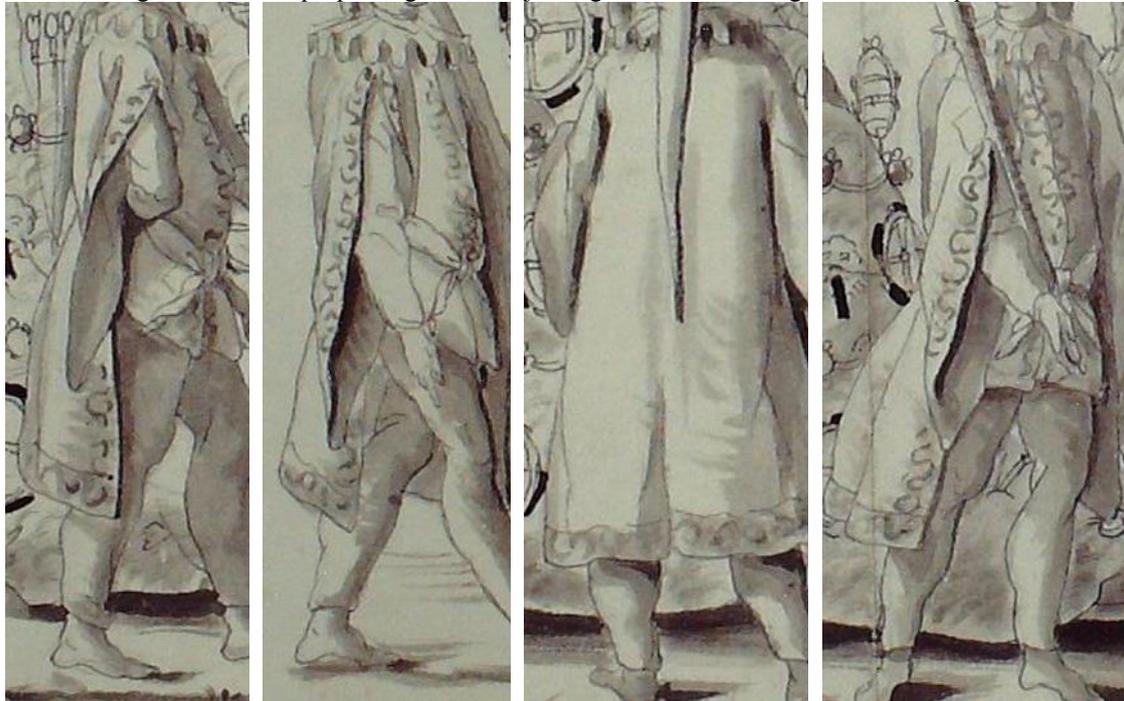
### Os trajes propriamente ditos

O texto que descreve o carro segue, mencionando que os gigantes que acompanhavam o carro estavam “com os vestidos à trágica que se compunham: a primeira, roupa larga até os joelhos com mangas largas e compridas; a segunda roupa, mangas justas até o punho da mão, e comprida até arriba dos joelhos: calças largas e justas até o meio da perna” (SOARES, 1786, n.p.).

A expressão “à trágica” citada no texto pode indicar que os gigantes estavam usando trajes que continham um adereço de cabeça e roupas longas, compridas. Também pode ter sido usada para dizer que os trajes tinham grande imponência, grande dramaticidade, eram peças carregados de expressividade. A figura 10 mostra alguns detalhes dos trajes dos gigantes que acompanhavam o carro.



Figura 10 - Destaque para alguns dos trajes da gravura do Carro segundo Monte Júpiter.



Fonte: Soares (1786, n.p).

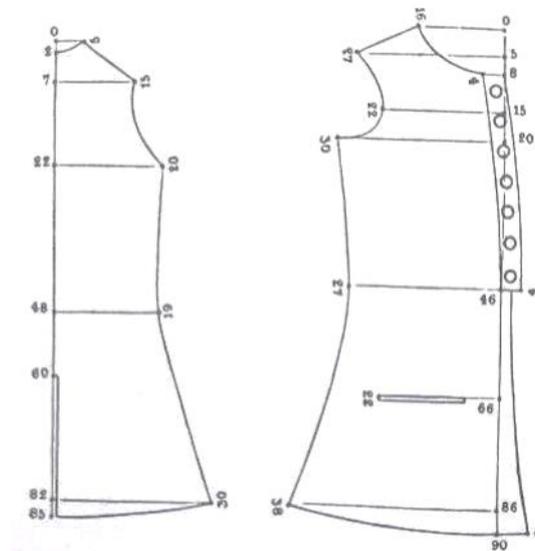
O traje mais externo, um tipo de casaco, é amplo, com comprimento até um pouco abaixo do joelho. A visão traseira do traje mostra corte reto, sem ajuste e sem pregas. A frente fica aberta, não possui bolsos e as mangas são longas e abertas na frente, similares às mangas do traje mais à direita da figura 10.

O casaco parece um tipo de *justaucorps* que Boucher (2010), ao descrever o traje masculino francês do século XVII, menciona como sendo proveniente dos casacos que vinham substituindo as capas. Conforme o autor, o *justaucorps* era “mais justo e com botões” (idem, p. 373), com mangas compridas. Seu molde simplificado pode ser visto na figura 11.

O casaco usado pelos gigantes do carro é um pouco mais longo e tem um corte mais reto que o *justaucorps*, porém, o molde apresentado na figura 11 pode ser usado como base para sua modelagem. Não é possível identificar, no entanto, se o casaco dos gigantes do carro tem botões frontais.



Figura 112 - Molde simplificado do corpo de um *justaucorps*, c.1665.



Fonte: Boucher (2010, p.374).

Sob este casaco externo, há uma segunda roupa, que tem mangas ajustadas que chegam até o punho. Mostra-se abotoada na frente e seu comprimento vai até um pouco abaixo dos quadris, com um lenço em torno da cintura baixa, amarrado na frente do corpo. O formato da frente indica que é uma peça bem parecida com as véstias do século XVIII. As véstias são os coletes com mangas, parte do traje masculino da primeira metade do século XVIII, usadas sob a casaca. A véstia representada é um pouco mais curta que as véstias da primeira metade do século XVIII e, aparentemente, não possui bolsos - é possível que as abas dos bolsos da véstia estejam escondidos sob o lenço amarrado em torno do corpo.

Quanto às calças, o texto original declara que eram “calças largas e justas até o meio da perna” (SOARES, 1786, n.p.). Na segunda metade do século XVIII, época em que ocorreram as festividades com o desfile dos carros alegóricos, as calças, ou melhor, os calções eram relativamente largos no quadril e tinham comprimento até a altura dos joelhos (WAUGH, 1964). Além disso, ainda conforme Waugh (1964), na segunda metade do século XVIII os calções tinham abertura em *flap*, ou seja, uma aba fechada por botões dos dois lados.

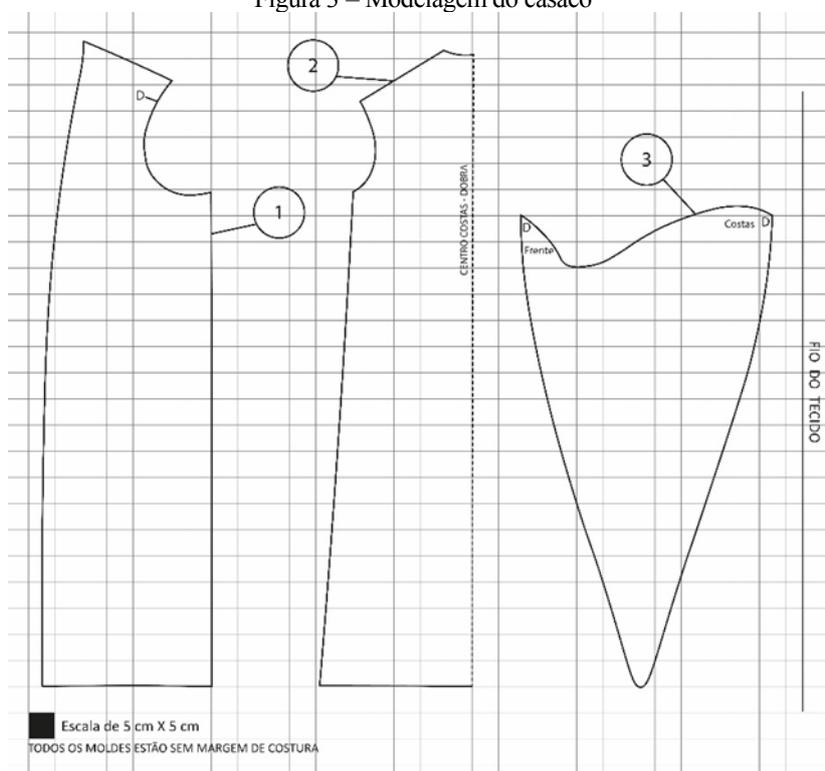
As calças apresentadas no carro são mais compridas e, aparentemente, chegam até um pouco acima dos tornozelos. Um aspecto claro na gravura do carro é que estas calças são



ajustadas na perna. Não se vê, porém, nenhuma abertura para facilitar a passagem dos pés, no entanto, dado o ajuste da calça nos tornozelos, supõe-se que alguma abertura seria necessária, ou então, que a boca da calça teria uma medida de contorno que permitiria a passagem dos pés.

Desta forma, as modelagens propostas para estas peças são apresentadas nas figuras 12, 13 e 14.

Figura 3 – Modelagem do casaco



Fonte: Acervo dos autores. Modelagem e diagrama: Isabel C. Italiano, 2019.

### CASACO - Modelagem tamanho M adulto:

#### PARTES:

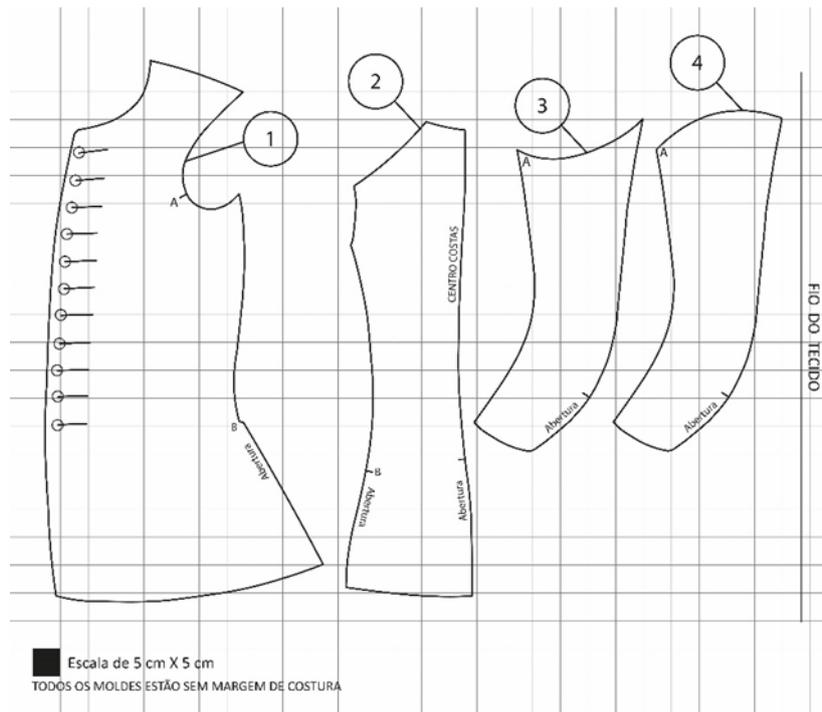
- 1 – CASACO – Frente – cortar 2 vezes no tecido
- 2 – CASACO – Costas – cortar 1 vez no tecido dobrado
- 3 – CASACO – Mangas – cortar 2 vezes no tecido e 2 vezes no forro

Para a montagem do casaco, deve-se unir as laterais e ombros, sendo que um acabamento simples pode ser acrescentado à abertura da frente (por exemplo, uma barra de 3



ou 4 cm dobrada para dentro). O casaco não tem gola, portanto, um revel pode ser usado para dar acabamento no decote. As mangas devem ser forradas, para melhor acabamento.

Figura 4 – Modelagem da véstia



Fonte: Acervo dos autores. Modelagem e diagrama: Isabel C. Italiano, 2019.

### VÉSTIA - Modelagem tamanho M adulto:

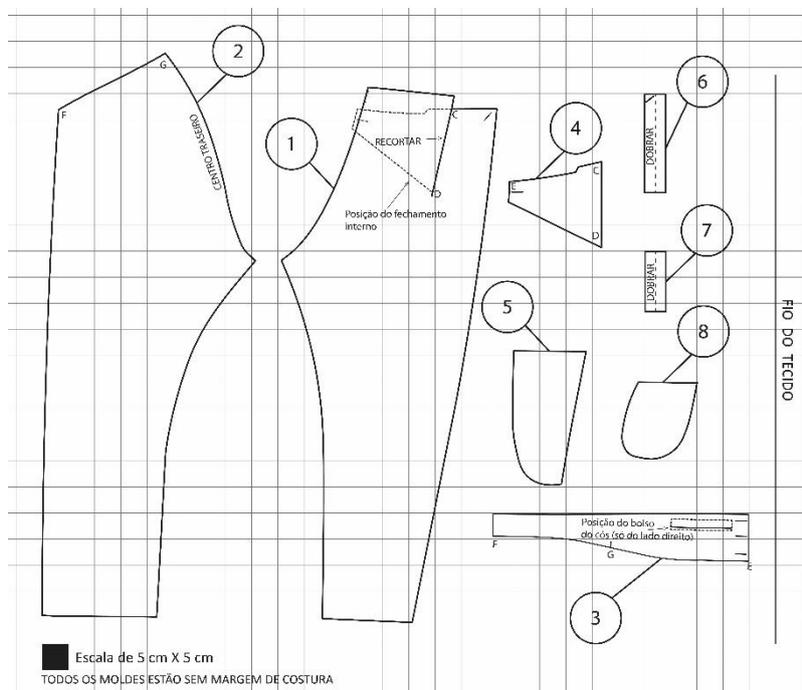
#### PARTES:

- 1 – VÉSTIA – Frente – cortar 2 vezes no tecido e 2 vezes no forro
- 2 – VÉSTIA – Costas – cortar 2 vezes no tecido e 2 vezes no forro
- 3 – VÉSTIA – Mangas – cortar 2 vezes no tecido e 2 vezes no forro

A montagem da véstia é um pouco mais complexa que a do casaco. Um passo-a-passo para sua confecção é apresentada em Viana e Italiano (2018, p. 163-165).



Figura 5 – Modelagem da calça



Fonte: Acervo dos autores. Modelagem e diagrama: Isabel C. Italiano, 2019.

### CALÇA - Modelagem tamanho M adulto:

#### PARTES:

- 1 – CALÇA – Dianteiro – cortar 2 vezes no tecido e 2 vezes no forro
- 2 – CALÇA – Traseiro – cortar 2 vezes no tecido e 2 vezes no forro
- 3 – CALÇA – Cós – cortar 2 vezes no tecido, 2 vezes no forro e 2 vezes na entretela
- 4 – CALÇA – Fechamento frontal interno – cortar 2 vezes no tecido e 2 vezes no forro
- 5 – CALÇA – Forro do bolso lateral – cortar 4 vezes no forro
- 6 – CALÇA – Carcela da aba frontal – cortar 2 vezes no tecido
- 7 – CALÇA – Vivo do bolso do cós – cortar 1 vez no tecido (pode ser entretelado)
- 8 – CALÇA – Forro do bolso do cós – cortar 2 vezes no forro

A montagem desta calça é feita de forma similar à montagem do calção de 1786 apresentado em Viana e Italiano (2018). A única diferença está no comprimento. Enquanto o referido calção é mais curto, com comprimento logo abaixo do joelho, a calça dos gigantes do carro de Júpiter vai até o tornozelo, como já mencionado. Assim, pode-se usar as instruções constantes em Viana e Italiano (2018, p. 166-171).



A última menção ao vestuário dos gigantes do carro, no texto, indica que eles estavam “com borzequins calçados”. Um borzequim é uma bota, como se vê na figura 15, um detalhe que mostra o pé dos gigantes.

Figura 6 – Destaque para alguns dos borzequins da gravura do Carro segundo Monte Júpiter.



Fonte: Soares (1786, n.p).

O protótipo do traje dos gigantes do carro, elaborados a partir das modelagens apresentadas aqui, pode ser visto na figura 16.

Figura 16 - Protótipo do traje dos gigantes do carro de Júpiter.



Fonte: Acervo dos autores. Foto: Fausto Viana, 2019.



### Considerações Finais

A falta de material iconográfico é sempre um grande impedimento para a história do vestuário no Brasil- nas suas mais variadas vertentes como traje militar, traje civil e traje religioso ou mesmo o traje das várias raças que compuseram a nação brasileira: negros, índios e brancos.

Esse artigo possibilitou, a partir de apenas uma imagem, desenvolver todo um trabalho de pesquisa inédito sobre a modelagem dos trajes usados em festividades, encenações e na vida cotidiana no país. Propiciou ao leitor o entendimento do que é uma balona, um(a) gorro(a), uma lauréola e, além de todos estes, trouxe ainda uma calça, uma véstia e uma casaca, que já vêm sendo estudados há tempos. E é verdade que esta casaca é bem peculiar, mais próxima de um colete comprido, como as opas das irmandades religiosas...!

Ao mostrar os protótipos construídos do traje, mais do que dar prova evidente de que a modelagem oferecida dá certo, a expectativa dos autores é que o leitor possa empregar este trabalho nos seus processos artísticos da maneira que bem entender, servindo aos seus processos criativos.

A concretude do modelo apresentado em algodão cru traduz a contemporaneidade que pode ser obtida através de um desenho datado de 1786, ou seja, há 233 anos. Para aquele homem que doou este caderno ilustrado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro na primeira metade do século XIX, fica o nosso muito obrigado- e nós sabemos quem ele era.

Era o Sr. Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806-1879), pintor, professor e ele mesmo cenógrafo no Império. Aos esforço de conservação e preservação de Porto-Alegre, juntou-se o desejo dos autores de que a memória nacional – tão seletiva, excludente, “branca”- seja preservada. Se a gravura do segundo carro permitiu toda essa discussão, o que não permitirá a análise dos carros restantes? E o uso dos uniformes da guarda do vice-rei na encenação/comemoração? E tantos outros trajes que participaram do espetáculo, e tantos outros profissionais que agiram na festividade? Um carro jorrava vinho! Outro soltava fogos!



Quem foram estes profissionais? Quem construiu os carros? Quem eram os mestres alfaiates, e as alfaiatas, e costureiras que trabalhavam nos bastidores? Onde o nome desta gente? Onde um rastilho do que foram suas vidas?

Tantas perguntas para dizer que tudo isso está em um papel guardado em algum lugar. Em um arquivo que não foi aberto ainda. Uma pasta de couro – ou de plástico! - em um subterrâneo qualquer, um baú que vai ser aberto e muitas pesquisas sairão de lá.

Esse artigo aposta que, por deixar tantas perguntas, tem certeza de que há muitas respostas.

### Referências

BOUCHER, François. **História do vestuário no Ocidente: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 – 1728.

CABRAL, Manuel; MARRANA, Rui. **Quid Praxis? – (Portucalensis) – Para uma monografia de costumes**. Porto: AE/ UCPorto, 1982.

LAGO, Pedro Corrêa do (org.). **Brasiliana IHGB**. Rio de Janeiro: Capivara, 2014.

NUNES, António. *Subsídio para o estudo genético-evolutivo do hábito talar na Universidade de Coimbra* in **Universidade(s) - história, memória, perspectivas**. Actas do congresso “História da Universidade”. Coimbra, 1991, pp 399-419.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**, por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Província de Goiás. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

SILVA, Antonio Moraes. **Dicionário da língua portuguesa - recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado por Antonio Moraes Silva**. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789.

SOARES, Antonio Francisco Soares. **Relação dos magníficos carros que se fizeram de arquitetura, perspectiva e fogos, os quais se executaram nas festividades dos desponsórios dos Sereníssimos Infantes de Portugal na cidade do Rio de Janeiro em 2 de fevereiro de 1786**. Manuscrito pertencente a coleção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1786.

VIANA, Fausto; ITALIANO, Isabel. **Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XVIII**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

WAUGH, Norah. **The cut of men's clothes: 1600 – 1900**. London: Faber and Faber Ltd., 1964.